



EDIÇÃO DE COLECIONADOR

CROOKED KINGDOM



LEIGH BARDUGO

TRECHO ANTECIPADO POR PLANETA MINIOLOURO



Planeta minioouro

LEIGH BARDUGO

CROOKED
KINGDOM

Tradução
Eric Novello



Planeta minotauro

TRECHO ANTES VÁLIDO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Leigh Bardugo, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Eric Novello, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Crooked Kingdom*

Preparação: Paula Passarelli
Revisão: Nilce Xavier, Mariana Paixão e Elisa Martins
Projeto gráfico e diagramação: Maria Beatriz Rosa e Vivian Oliveira
Mapa: Keith Thompson
Ilustrações de capa: Shutterstock
Capa: adaptada do projeto original
Adaptação de capa: Isabella Teixeira

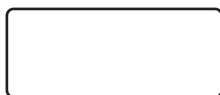
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bardugo, Leigh
Crooked Kingdom / Leigh Bardugo ; tradução de Eric Novello.
- São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
528 p.
ISBN 978-85-422-3186-1
Título original: Crooked Kingdom

1. Ficção norte-americana I. Título II. Novello, Eric

25-0484 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Os GRISHAS

SOLDADOS DO SEGUNDO EXÉRCITO
MESTRES DA PEQUENA CIÊNCIA

CORPORALKI

(A ORDEM DOS VIVOS E DOS MORTOS)

Sangradores

Curandeiros



Planeta minotauro

ETHEREALKI

(A ORDEM DOS CONJURADORES)

Aeros

Infernais

Hidros

MATERIALKI

(A ORDEM DOS FABRICADORES)

Durastes

Alquimistas

PARTE I

ABANDONADO



Planeta Literário

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DO PARATÍTULO. VENDA PROIBIDA.

I. RETVENKO



RETVENKO SE APOIOU NO BAR E ENFIOU O NARIZ NO COPO imundo. O uísque não tinha conseguido aquecê-lo. Nada poderia aquecê-lo naquela cidade abandonada pelos Santos. E não havia como escapar do cheiro sufocante de água parada, mariscos e pedra molhada que parecia ter impregnado seus poros como se ele tivesse sido mergulhado na essência da cidade, um sachê humano na pior das xícaras de chá. Era mais notável no Barril, ainda mais num buraco miserável como aquele – uma taverna achatada e encaixada no piso inferior de um dos edifícios mais sombrios da favela de apartamentos, seu teto curvado pelo clima e por uma construção de má qualidade, suas vigas enegrecidas pela fuligem de uma lareira que havia muito já não funcionava, a chaminé entupida por detritos. O piso estava coberto de serragem para absorver cerveja, vômito e tudo mais que os fregueses derrubavam quando perdiam o controle. Retvenko se perguntou há quanto tempo as placas tinham sido varridas. Ele enterrou ainda mais o nariz no copo, inalando o doce perfume de uísque barato. Aquilo fez seus olhos se encherem de água.

— Isso é para beber, não para cheirar — disse o garçom com uma risada.

Retvenko baixou o copo e olhou para o homem. Ele tinha o pescoço grosso e um torso cilíndrico, um verdadeiro brutamontes. Retvenko o tinha visto arremessar mais de uma vez algum freguês inconveniente para fora do bar, mas era difícil levá-lo a sério quando usava aquelas roupas que eram moda entre os jovens do Barril – uma camisa rosa com mangas que pareciam prestes a explodir sobre os enormes bíceps e um colete xadrez vermelho e laranja berrante. Ele parecia um caranguejo dândi.

— Diga-me — começou Retvenko. Para começo de conversa, seu kerch não era bom, e ficava ainda pior depois de alguns drinques. — Por que a cidade cheira tão mal? Como sopa velha? Como pia cheia de pratos?

O garçom riu.

— É apenas Ketterdam. Você acaba se acostumando.

Retvenko sacudiu a cabeça. Ele não queria se acostumar com a cidade nem com seu fedor. Seu trabalho com o Conselheiro Hoede tinha sido um saco, mas pelo menos os quartos eram secos e aquecidos. Como um valioso servo Grisha, Retvenko fora mantido com conforto, com a barriga cheia. Havia reclamado de Hoede na época, entediado com o trabalho de pastoreio de embarques de cargas caras do mercador pelo mar, ressentindo-se pelos termos de seu contrato, a barganha tola que havia feito para sair de Ravka depois da guerra civil. Mas e agora? Agora ele não conseguia deixar de pensar na oficina Grisha na casa de Hoede, no fogo queimando alegremente na lareira, no pão integral servido com blocos de manteiga e grossas fatias de presunto. Depois da morte de Hoede, o Conselho Mercante de Kerch tinha deixado Retvenko trabalhar em viagens marítimas para quitar seu contrato de servidão. O dinheiro era péssimo, mas quais seriam as outras opções? Ele era um Grisha Aero em uma cidade hostil com nenhum talento além dos dons com os quais havia nascido.

— Mais um? — o garçom perguntou, apontando para o copo vazio de Retvenko.

Retvenko hesitou. Não devia desperdiçar seu dinheiro. Se fosse esperto com suas economias, só precisaria se alugar para mais uma viagem, quem sabe duas, e teria dinheiro suficiente para quitar seu contrato de servidão e comprar uma passagem para Ravka em um cais de terceira classe. Era tudo o que ele precisava. Ele era esperado nas docas em menos de uma hora. Havia previsão de tempestades, então a tripulação confiaria em Retvenko para comandar as correntes de ar e guiar o navio calmamente para qualquer porto que fosse preciso alcançar. Ele não sabia para onde iria, mas também não se importava. O capitão passaria as coordenadas, e Retvenko inflaria as velas ou acalmaria os céus. E então receberia seu pagamento. Mas os ventos não tinham ganhado força ainda. Talvez ele pudesse dormir durante a primeira metade da viagem. Retvenko bateu no balcão e assentiu. O que mais ele podia fazer? Ele merecia algum conforto neste mundo.

— Não sou garoto de mensagens — ele murmurou.

— O que foi? — perguntou o garçom servindo outra dose.

Retvenko acenou com a mão, dispensando-o. Aquela pessoa, aquele sujeito grosseiro e comum, nunca entenderia. Ele trabalhava duro na obscuridade. Esperando pelo quê? Uma moeda extra no bolso? O olhar

de uma garota bonita? Ele não conhecia nada da glória em batalha, o que havia para ser reverenciado.

— Você é ravkano?

Apesar do borrão confuso que o uísque havia criado, Retvenko subitamente ficou alerta.

— Por quê?

— Por nada. É que você soa ravkano.

Retvenko disse a si mesmo para relaxar. Muitos ravkanos passavam por Ketterdam à procura de trabalho. Não havia nada nele que dissesse que era um Grisha. Sua covardia o encheu de desgosto, com ele mesmo, com o garçom, com a cidade. Queria se sentar e apreciar sua bebida. Não havia ninguém no bar para pular em cima dele, e, apesar dos músculos do garçom, Retvenko sabia que poderia lidar facilmente com ele. Mas, quando se é um Grisha, mesmo permanecer em silêncio podia significar cortejar problemas. Havia mais rumores de desaparecimentos em Ketterdam recentemente, Grishas sumindo das ruas, de suas casas, provavelmente capturados por traficantes de escravos e vendidos pela oferta mais alta. Retvenko não deixaria que isso acontecesse, não quando estava tão perto de comprar seu retorno para Ravka.

Ele baixou o uísque, bateu uma moeda no balcão e se levantou. Não deixou gorjeta. Um homem podia trabalhar para ganhar a vida. Retvenko se sentia um pouco vacilante quando saiu do bar, e o cheiro úmido do ar não ajudou. Baixou a cabeça e se pôs em direção ao Quarto Porto, deixando que a caminhada limpasse sua mente. *Mais duas viagens*, repetiu para si mesmo, *mais algumas semanas no mar, e mais alguns meses nessa cidade*. Encontraria um jeito de tornar isso suportável. Ele se perguntou se algum dos seus antigos amigos poderia estar esperando por ele em Ravka. Dizia-se que o jovem rei estava distribuindo perdões como se fossem doces baratos, ansioso para reconstruir o Segundo Exército, a força militar Grisha que havia sido dizimada pela guerra.

— Só mais duas viagens — disse em voz alta, batendo as botas contra a umidade da primavera. Como podia estar tão frio e úmido no fim do ano?

Viver naquela cidade era como estar aprisionado na axila de um gigante de gelo. Ele passou ao longo do Grafcanal, sentindo calafrios ao avistar a Ilha do Veu Negro enfiada na curva da água. Foi ali que os kerches ricos tinham enterrado seus mortos no passado, em pequenas casas

de pedra acima do nível da água. Alguma proeza do clima havia mantido a ilha envolta em névoas que se moviam, e havia rumores de que o lugar era assombrado. Retvenko apertou o passo. Não era um homem supersticioso – quando se tem poderes como aqueles, não há razão para temer o que pode estar à espreita nas sombras –, mas quem gosta de passar perto de um cemitério?

Protegeu-se ainda mais com o casaco e acelerou descendo a Havenstraat, mantendo-se atento aos movimentos em cada ruela sinuosa. Logo estaria de volta a Ravka, onde poderia passear pelas ruas sem medo. Presumindo que receberia o perdão.

Retvenko se contorceu desconfortável no casaco. A guerra havia colocado Grishas contra Grishas, e seu lado tinha sido particularmente brutal. Ele havia assassinado alguns camaradas antigos, civis e até mesmo crianças. Mas o que estava feito não podia ser desfeito. Rei Nikolai precisava de soldados, e Retvenko era um soldado muito bom.

Ele assentiu uma vez para o guarda escondido na pequena guarita na entrada do Quarto Porto e olhou por sobre o ombro, certificando-se de que não havia sido seguido. Seguiu seu caminho passando pelos contêineres de carga e chegou às docas, encontrou o cais apropriado e permaneceu na fila para se registrar com o imediato. Retvenko o reconheceu de viagens passadas, sempre atormentado e de mau humor, o pescoço magricelo se projetando para fora da gola do casaco. Ele segurava uma pilha grossa de documentos, e Retvenko vislumbrou o selo roxo de cera de um dos membros do Conselho Mercante de Kerch. Aqueles selos valiam mais do que ouro naquela cidade, garantindo os melhores cais no porto e o acesso preferencial às docas. E por que os conselheiros haviam conseguido tamanho respeito, tamanha vantagem? Por causa do dinheiro. Porque suas missões davam lucro a Ketterdam. Poder significava algo mais em Ravka, onde os elementos se dobravam à vontade dos Grishas e o país era governado por um rei de verdade, e não por um bando de comerciantes arrivistas. Retvenko admitiu ter tentado depor o pai daquele rei, mas o argumento permanecia válido.

— Ainda não estamos prontos para o restante da tripulação — o imediato disse quando Retvenko deu seu nome. — Pode se aquecer no escritório do capitão do porto. Estamos esperando que o Conselho das Marés nos dê o sinal.

— Bom pra você — Retvenko disse, impassível. Ele olhou para uma das torres do obelisco negro que pairava sobre o porto. Se houvesse alguma chance de que o poderoso Conselho das Marés pudesse vê-lo de sua torre de vigia, ele os informaria exatamente sobre o que estava pensando com alguns gestos bem específicos. Eles eram supostamente Grishas, mas será que já tinham erguido um dedo algum dia para ajudar outro Grisha na cidade? Para ajudar aqueles sem sorte que talvez ficassem gratos ao receber um pouco de gentileza?

— Não, eles nunca fizeram isso — respondeu a si mesmo.

O imediato fez uma careta.

— Por Ghezen, Retvenko. Andou bebendo?

— Não.

— Está fedendo a uísque.

Retvenko fungou.

— Um pouco de uísque.

— Recomponha-se. Tome um pouco de café ou de *jurda* forte. Esse algodão tem que estar em Djerholm dentro de duas semanas, e não estamos te pagando para cuidar de uma ressaca a bordo. Entendido?

— Sim, sim — Retvenko respondeu com um aceno, já seguindo na direção do escritório do capitão do porto. Mas, quando estava a alguns passos de distância, girou o punho. Um pequeno rodaminho acertou os papéis que o imediato segurava, espalhando-os pelas docas.

— Droga! — ele gritou enquanto corria pelas tábuas de madeira, tentando capturar as páginas do seu manifesto antes que voassem para o mar.

Retvenko sorriu com um prazer cruel, mas logo sentiu-se dominado por uma onda de tristeza. Ele era um gigante entre os homens, um talentoso Aero, um grande soldado, mas ali não passava de um *empregado*, um velho ravkano triste que falava mal kerch e bebia demais. *Casa*, ele disse a si mesmo. *Logo eu estarei em casa*. Obteria seu perdão e provaria mais uma vez o seu valor. Lutaria por seu país. Dormiria sob um teto sem goteiras e vestiria um *kefta* de lã azul costurado com pele de raposa prateada. Seria Emil Retvenko outra vez, não aquela sombra patética.

— Tem café — disse o escrivão, quando Retvenko entrou no escritório do capitão do porto, gesticulando em direção a uma urna de cobre no canto.

— Chá?

— Tem café.

Este país. Retvenko encheu uma caneca até a boca com o lodo escuro, mais para aquecer as mãos do que qualquer outra coisa. Não conseguia aguentar o gosto daquilo, não sem uma generosa dose de açúcar, o qual o capitão do porto não havia providenciado.

— O vento está soprando — disse o escrivão enquanto um sino tocava do lado de fora, agitado pela brisa que começava a soprar.

— Tenho ouvidos — Retvenko resmungou.

— Não acho que vai fazer muita diferença aqui, mas assim que tiver saído do porto...

— Quietos — Retvenko disse de repente. Levantou-se, escutando.

— O que foi? — disse o escrivão. — Tem um...

Retvenko pôs um dedo nos lábios.

— Alguém está gritando.

O som tinha vindo de onde o navio estava atracado.

— São só as gaivotas. O sol logo nascerá e...

Retvenko ergueu uma mão, e uma rajada de ar lançou com força o escrivão de volta para a parede.

— Eu disse para ficar *quieto*.

O escrivão ficou boquiaberto, pendurado nas ripas.

— Você é o Grisha que eles arrumaram para a tripulação?

Por todos os Santos, será que Retvenko teria de tirar o ar dos pulmões daquele garoto e sufocá-lo para que ele ficasse quieto?

Através das janelas embaçadas, Retvenko podia ver o céu começando a ficar azul conforme amanhecia. Ele ouviu o grasnar de gaivotas à procura de café da manhã nas ondas. Talvez a bebida estivesse atrapalhando sua mente. Ele deixou o escrivão cair no chão. Tinha derramado o café, mas não se deu ao trabalho de pegar outra xícara.

— Eu falei que não era nada — disse o escrivão enquanto se punha de pé. — Não precisava ficar todo esquentadinho.

O escrivão sacudiu a poeira da roupa e se acomodou atrás da mesa.

— Nunca conheci um de vocês antes. Grishas.

Retvenko fungou. O escrivão provavelmente já havia conhecido, só não sabia disso.

— Você é muito bem pago pelas viagens, não?

— Não o bastante.

— Eu... — Mas o que quer que o escrivão estivesse prestes a dizer se perdeu quando a porta que dava para o escritório explodiu em uma chuva de estilhaços.

Retvenko ergueu as mãos para proteger o rosto. Ele se agachou e rolou para trás da mesa do escrivão, buscando cobertura. Uma mulher entrou no escritório. Seus cabelos eram negros e seus olhos eram dourados. *Shu*.

O escrivão se esticou para pegar uma arma de fogo que Retvenko viu presa sob a mesa.

— Eles vieram atrás da folha de pagamento — ele gritou. — Ninguém vai pegar a folha de pagamento.

Retvenko assistiu em choque quando o escrivão desengonçado se levantou como uma espécie de guerreiro vingador e abriu fogo. Por tudo que era mais sagrado, nada poderia motivar mais um kerch do que dinheiro. Retvenko espiou pela mesa, a tempo de ver o tiro de espingarda acertar a mulher diretamente no peito. Ela foi lançada para trás e colidiu com o batente da porta, desabando no chão. Ele sentiu o cheiro acre de pólvora queimada, o paladar metálico do sangue, e sentiu um vergonhoso embrulho no estômago. Fazia muito tempo que não via alguém levando um tiro, e isso tinha acontecido numa época de guerra.

— Ninguém vai pegar a folha de pagamento — o escrivão repetiu com satisfação.

Mas, antes que Retvenko pudesse responder, a mulher *Shu* segurou o batente com a mão ensanguentada e se levantou. Retvenko piscou. Quanto uísque ele havia bebido, afinal?

A mulher marchou adiante. Através dos restos de sua blusa esfarrapada, Retvenko viu sangue, carne estourada com chumbo grosso e o brilho do que parecia ser metal. O escrivão tentou desesperadamente recarregar a arma, mas a mulher foi muito mais veloz. Ela pegou a arma de suas mãos e bateu nele com ela, jogando-o para o lado com uma força terrível. Ela jogou a arma para longe e voltou os olhos dourados para Retvenko.

— Leve a folha de pagamento! — Retvenko gritou, recuando. Ele escavou os bolsos e jogou sua carteira quase vazia para ela. — Leve o que quiser.

A mulher sorriu levemente ao ouvir isso... por pena? Diversão? Retvenko não soube dizer. Mas ele entendeu que ela não tinha vindo atrás de

dinheiro nenhum. Ela tinha vindo atrás dele. E não importava se ela era uma traficante de escravos, mercenária ou algo completamente diferente. Ela enfrentaria um soldado, e não algum covarde fracote.

Com um salto ele ficou de pé, músculos respondendo relutantes às suas exigências, e assumiu uma posição de combate. Seus braços subiram num arco. Um vento uivante varreu a sala, jogando uma cadeira, a mesa do escrivan e depois a urna fumegante de café para cima da mulher. Ela se livrou de cada item com pouco interesse, como se estivesse afastando fios soltos de teia de aranha.

Retvenko concentrou seu poder e lançou as duas mãos para a frente, sentindo seus ouvidos estalarem quando a pressão caiu e o vento acelerou, ganhando força de furacão. Talvez aquela mulher não pudesse ser parada por balas. Vamos ver como ela se sai contra a fúria de uma tempestade. A mulher rosnou enquanto o vendaval a prendia, empurrando-a de volta pela porta aberta. Ela agarrou o batente, tentando se segurar.

Retvenko riu. Ele havia se esquecido de como era boa a sensação de lutar. Então, atrás de si, ouviu um estalo alto, o guincho de pregos se soltando e madeira destroçada. Olhou por sobre o ombro e teve um brevíssimo vislumbre do céu do amanhecer, o cais. A parede tinha sumido.

Braços fortes o agarraram, prendendo suas mãos nas laterais de seu corpo, impedindo-o de usar seu poder. Ele foi levantado, flutuando para cima, o porto encolhendo sob seus pés. Viu o telhado do escritório do capitão do porto, o corpo do imediato em um amontoado de destroços na doca, o navio no qual Retvenko deveria embarcar, seu convés uma bagunça de tábuas quebradas, corpos empilhados perto dos mastros estilhaçados. Seus agressores tinham passado por lá primeiro. Sentia no rosto o ar frio. O coração batia num ritmo irregular em seus ouvidos.

— Por favor — ele implorou enquanto subiam cada vez mais alto, incerto do que estava pedindo. Com medo de se mexer demais ou muito repentinamente, ele inclinou a cabeça para ver seu captor. Retvenko soltou um gemido de pavor, algo entre um soluço e o gemido de pânico de um animal preso numa armadilha.

O homem que o segurava era Shu, seu cabelo preto puxado em um coque firme, os olhos dourados apertados contra o sopro do vento. E de suas costas emergiam duas largas asas que batiam contra o céu, articuladas, graciosamente forjadas em filigrana de prata enrolada e lona esticada.

Ele era um anjo? Um demônio? Algum ser mecânico estranho que havia ganhado vida? Será que Retvenko tinha simplesmente enlouquecido?

Nos braços de seu sequestrador, Emil Retvenko viu a sombra que juntos lançavam sobre a superfície brilhante e distante do mar: duas cabeças, duas asas, quatro pernas. Ele havia se tornado uma grande fera, e, ainda assim, aquela fera acabaria por devorá-lo. Suas preces se transformaram em gritos, mas ambos continuaram sem resposta.

